

As interfaces da pesquisa etnográfica na educação

The ethnographical research interfaces in the education

Thaís Cristina Rodrigues Tezani*

RESUMO

O estudo pretende descrever e analisar os fundamentos e as perspectivas atuais da pesquisa etnográfica na educação, tendo como fio condutor a relevância dos estudos sobre o cotidiano escolar. Ressaltamos o papel da pesquisa no processo educativo, enfatizando alguns aspectos da abordagem de pesquisa qualitativa, como delimitação do problema, hipóteses/pressupostos e relatando, nesta perspectiva, sobre a pesquisa etnográfica na educação: instrumentos, fundamentos, aplicabilidade e princípios, entretanto, observamos que, atualmente, são realizadas pesquisas do “tipo etnográficas”, utilizando-se dos mesmos instrumentos, mas com menor permanência do pesquisador no campo de pesquisa. Destacamos que, nessa vertente metodológica, são analisados o cotidiano escolar e a educação, concebidos enquanto processo social, cultural e histórico.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa qualitativa. Etnografia. Educação.

ABSTRACT

The study intends to describe and to analyze the foundations and the ethnographical research current perspectives in the education, having like conductive thread the studies relevance about the school everyday. We stress the research paper in the educational process, emphasizing any boarding qualitative research aspects, like problem delimitation, hypotheses/presuppose, and relating in this perspective on the ethnographical research in the education: instruments, foundations, applicable and principles, however note that are nowadays accomplished ethnographical kind researches”, using of the same instruments, but with researcher's minor permanence in the research field. We highlight that in this methodological slope are analyzed the school everyday and the education is conceived while social, cultural and historical process.

KEY WORDS: Qualitative research. Ethnography. Education.

1. Introdução

* Mestranda em Educação pela UFSCar, pedagoga, especialista em Psicopedagogia, professora da rede municipal de Bauru – SP e da Faculdade Fênix de Bauru – SP. E-mail: thaiscrt@ig.com.br

Pesquisar é filosofia, no sentido de apreciar a sabedoria, levando a indagações e questionamentos, envolvendo a capacidade de criação, elaboração, unindo teoria e prática, e proporcionando o aprender a aprender e o diálogo com a realidade. Com esta proposta, a pesquisa é considerada primordial ao processo educativo e a construção do conhecimento.

O ensino-aprendizagem mais profundo e renovador é o investigativo, forjado e renovado pelo processo de pesquisa. O caminho da pesquisa é um caminho sem retorno, é um doce “vício”; quem o experimenta não volta mais ao ensino-aprendizagem doutrinário, à fórmula final e misteriosa, ao produto acabado e revelado. “Viciado” no ensino-aprendizagem investigativo e autônomo, nos processos metodológicos criativos, o estudioso tudo quer experimentar, tudo indaga, sobre tudo questiona. O espírito investigativo se volta para o ainda não-conhecido, isto é, para o futuro da ciência e não para o seu passado. (NOSELLA, 2000, p.03)

Ao realizar uma pesquisa devemos dialogar nossas idéias com a teoria, inter-relacionando tema, problema, pressupostos/hipóteses¹, conceitos e metodologia, pois esses são aspectos essenciais para sua concretização. Concordamos com as palavras de Dupas (2002, p. 11), pois “a preocupação com a determinação do assunto e a escolha do tema deve levar em conta alguns cuidados: originalidade da proposta, abordagem na literatura nacional e internacional, conhecimento prévios da área e possíveis interfaces com demais áreas do saber”. Seguindo esta linha de raciocínio e relatando sobre essa questão, temos Saviani (1991, p. 163) que defende a idéia de que para a realização de um bom e completo trabalho de investigação e de pesquisa, devemos seguir uma estrutura, onde o trabalho inicia-se ao:

realizar a escolha do tema, a formulação do problema, a delimitação do objeto assim como o estabelecimento da metodologia e respectivos procedimentos de análise, redigindo, em consequência, o texto correspondente com uma estrutura lógica adequada à compreensão plena, por parte dos leitores, do assunto tratado.

Segundo as recomendações de Severino (2000), o trabalho desenvolvido pelo pesquisador exige reflexão pessoal, autonomia, criatividade, rigor técnico e científico, onde a perspectiva da autonomia significa que a pesquisa será fruto do esforço do pesquisador,

¹ Ao redigir o texto, consideramos hipóteses e pressupostos sinônimos, desta forma usamos a expressão hipóteses/pressupostos.

ou seja, sua capacidade de se relacionar com outras pesquisas e dialogar com outros autores, tendo a consciência que a ciência realiza a articulação entre o lógico e o real, entre a teoria e a realidade. Sendo assim, o trabalho científico deve buscar articular conhecimentos na construção de uma interpretação que apresente soluções para determinado problema, buscando melhorias, compreensão e transformação da sociedade contemporânea.

Não podemos negar que um trabalho de pesquisa sempre trará as características, os estilos e as preferências do pesquisador. Nesta perspectiva, acreditamos então que “a escolha de um tema de pesquisa, bem como a sua realização, necessariamente é um ato político” (SEVERINO, 2000, p. 145). Vivemos em realidades diferentes e estas influenciam nas escolhas do pesquisador, assim concordamos com Demo (2001, p. 34) quando afirma que “na ciência deve estar a realidade, que é seu objeto de captação, mas está sempre, também, a maneira própria do cientista de ver a realidade.”

Na relação do pesquisador com seus valores há também a questão dos paradigmas² que cada um possui, suas vivências e interações que realiza com os atores sociais, proporcionando a construção do processo de conhecimento através da pesquisa, que caminha desde a concepção do objeto de estudo em todas as suas dimensões até o resultado final do trabalho de pesquisa (MINAYO, 1993). Podemos perceber que o pesquisador observa o mundo de maneira diferente buscando ir além do senso comum, pois procura em suas visões explicação para os mais variados fenômenos. Considerando a observação como fonte importante de conhecimento, não apenas, para o desenvolvimento de pesquisas, mas na compreensão da sociedade contemporânea (KERLINGER, 1980). Completando e afirmando este pensamento, temos as palavras de Goergen (1986, p. 10):

A pesquisa, que é busca de conhecimentos e explicações sobre aspectos obscuros da realidade, tem seu objetivo maior exatamente na divulgação final dos seus resultados, para que estes possam servir a outros, para que possam ser usados.

² Seguimos a noção de paradigma proposta por Kuhn (1992, p. 219), pois consideramos paradigma o conjunto de crenças, técnicas, valores e opiniões compartilhadas pelos membros de uma determinada sociedade em uma determinada época. “Um paradigma é aquilo que os membros de uma comunidade partilham.”

Portanto, a pesquisa, além de englobar o conhecimento e o domínio dos conteúdos técnicos e científicos acumulados pelo homem, envolve as características e peculiaridades do pesquisador que delinearão o diferencial de cada pesquisa desenvolvida.

O trabalho de pesquisa deve ter um fim educativo e estar baseado na “reflexão e pesquisa do interior deste projeto político existencial, em consonância com o momento histórico vivido pela sua sociedade concreta” (SEVERINO, 2000, p.147).

Seguindo essas idéias, o planejamento e as ações propostos para o processo de pesquisa devem estar abertos, pois com a imersão do pesquisador no contexto a ser estudado, ou seja, o contato com a fase exploratória permite a construção de novas questões e adequação de diferentes procedimentos de coleta de dados, para que a pesquisa possa buscar respostas para o problema formulado anteriormente.

Para pesquisar, devemos sempre elaborar um projeto de pesquisa, concebendo este, como um “plano para uma investigação sistemática que busca uma melhor compreensão de um dado problema” (ALVES-MAZZOTTI, 2001b, p.149). Assim, o projeto de pesquisa pode ser considerado um guia, um norteador que indica ao pesquisador o caminho que este deve trilhar para chegar aos objetivos previamente propostos. Acreditamos, portanto, nas palavras de Warde (1990, p. 69), pois “a pesquisa se faz e se aprende, pesquisando”.

2. Algumas considerações sobre a pesquisa qualitativa

Atualmente, um número expressivo de pesquisas desenvolvidas na área educacional tem seguido a proposta da abordagem qualitativa. Assim, faremos algumas considerações sobre os tópicos necessários para a realização de uma pesquisa com esse tipo de abordagem.

As alternativas apresentadas pelas análises chamadas qualitativas compõem um universo heterogêneo de métodos e técnicas, que vão desde a análise de conteúdo com toda sua diversidade de propostas, passando pelos estudos de caso, pesquisa participante, estudos etnográficos, antropológicos etc. (GATTI, 2001, p. 73)

Sendo assim, enfatizamos que as pesquisas de abordagem qualitativa podem utilizar-se de vários métodos e técnicas na busca dos seus objetivos propostos, desta forma, destacamos que os que mais tem sido desenvolvidos por pesquisadores atualmente são: a pesquisa etnográfica, a pesquisa-ação, o estudo de caso, o estudo de múltiplos casos.

Seguindo este pensamento Selltiz (1974, p. 33), enfatiza que o interesse por um tópico da pesquisa social deve partir do “interesse prático ou por algum interesse intelectual ou científico”, onde os valores do pesquisador influenciam na sua escolha para a pesquisa, pois há, na área educacional, infinitos tópicos, mas estes necessitam de delimitação. Pensando nesta perspectiva, devemos propor questões significativas que ainda não foram totalmente investigadas e relacionam o interesse prático e científico.

Os interesses científicos ou intelectuais podem surgir uma amplitude igualmente grande de tópico para pesquisa. Talvez a principal diferença entre tópicos sugeridos por interesses práticos e os indicados por interesses científicos seja o fato de estes últimos terem menos probabilidade de incluir o estudo de uma situação específica como objetivo fundamental de obter conhecimento a respeito de tal situação. Os interesses intelectuais e científicos tendem a conduzir a questões gerais e voltar-se para situações específicas como exemplos de classes gerais de fenômenos, e não como objeto de interesse intrínseco. (SELLTIZ, 1974, p.34).

A área educacional tem muita teoria desenvolvida, pois realiza interfaces com outras áreas ou campos epistemológicos dentro das ciências humanas, entretanto, ao pesquisarmos em uma área onde temos uma vasta teoria e um número significativo de trabalhos desenvolvidos, devemos verificar inicialmente, a teoria para nos basearmos e, depois, seguirmos para a pesquisa de campo sabendo *a priori* que os valores influenciam nas nossas escolhas e no processo de pesquisa em si (ALVES-MAZZOTTI, 2001a).

Para isso, é necessário formularmos um problema, este orienta a pesquisa e a busca pelos fatos, pois toda pesquisa científica deve ser uma atividade voltada para a solução de problemas (SELLTIZ, 1974; ALVES-MAZZOTTI, 2001b; KERLINGER, 1978). Sendo assim, as condições necessárias para a formulação de um problema partem da observação, estudo da literatura, conversas com outras pessoas, leitura, discussão, imaginação. Após a definição do problema deveremos buscar caminhos para o estudo e as perspectivas sobre o tema delimitado. O primeiro passo é tornar o problema concreto e explícito, considerando este uma proposta de forma interrogativa, pressupondo uma resposta, levantando dúvidas e propondo a superação de obstáculos.

Sobre essa questão, Alves-Mazzotti (2001a) afirma que o conceito de problema de pesquisa pode ser definido com algumas questões relevantes nas quais as informações

disponíveis não dão conta de respondê-las e Kerlinger (1978, p. 35) ressalta que “em sentido geral, um problema é uma questão que mostra uma situação necessitada de discussão, investigação, decisão ou solução.”

A hipótese/pressuposto é uma condição ou princípio que se supõe chegar, através de um determinado método, verificando seus fatos já conhecidos ou novos; é o sugerir de novos horizontes para orientação da pesquisa, buscando ordenação para partir do conhecimento geral sobre os conceitos já existentes. A formulação da hipótese é uma condição necessária, princípio que pode surgir de um palpite, outros estudos já realizados, o conjunto de uma teoria, dedução lógica e serve como guia e organizador dos dados coletados. Sobre o assunto, Kerlinger (1978, p. 38) assim se expressa:

Hipóteses são sentenças declarativas e relacionam de alguma forma variáveis a variáveis. São enunciados de relações, e, como os problemas, devem implicar a testagem das relações enunciadas. Problemas e hipóteses são semelhantes. Ambos enunciam relações, só que os problemas são sentenças interrogativas e as hipóteses sentenças afirmativas.

Gonsalves (2001) destaca que as hipóteses podem ser consideradas as “respostas” para o problema formulado, mesmo que estas sejam provisórias, podem significar, ainda, uma antecipação dos resultados obtidos com a pesquisa sobre o problema. Sendo uma opinião ou suposição sobre o problema formulado.

Além do problema e das hipóteses/pressupostos, temos como norteador do processo de pesquisa os conceitos, os quais podem ser definidos como representação resumida da diversidade dos fatos, objetivando simplificar e clarear o pensamento com relação à teoria já formulada sobre o tema escolhido, delimitando recortes para facilitar o desenvolvimento da pesquisa (SELLTIZ, 1974). De acordo com as idéias de Severino (2000, p. 188), podemos considerar que “o conceito é a imagem mental por meio da qual se representa um objeto, sinal imediato do objeto representado.” Assim, a compreensão do conceito pode ser considerada como as características do tema proposto. O conceito é considerado objeto de pensamento que é expresso através de uma definição sobre determinado tema. Para Minayo (1993, p. 89), “os conceitos são as unidades de significação que definem a forma e o conteúdo de uma teoria.”

Nesta perspectiva, o método científico se caracteriza pela tentativa de solucionar problemas através de suposições, ou seja, pelas hipóteses testadas através da observação. Sobre essa questão, Gewandszajder (2001, p. 3) expressa que “um método pode ser definido como uma série de regras para tentar resolver um problema.” O método não é simplesmente o caminho, mas sim a consciência do percurso percorrido. Warde (1990, p. 74) relata que “o método não é só a via e o processo de construção do sujeito que conhece e do objeto do conhecimento. O método é a consciência dessa via e desse processo.”

As observações nesse ponto de vista devem possuir certo critério de seleção objetivando serem relevantes para solução do problema proposto, isto é, as observações devem ser orientadas pelos interesses da própria pesquisa. “A percepção de um problema deflagra o raciocínio e a pesquisa, levando-nos a formular hipóteses e realizar observações.” (GEWANDSZNAJDER, 2001, p. 65).

Tendo como princípio que a ciência se concretiza na articulação entre a teoria e prática, a pesquisa bibliográfica se faz necessária para conhecimento das pesquisas mais recentes, formando, assim, um conjunto das teorias científicas para que possamos delinear nosso conhecimento de base, formular e até resolver o problema formulado inicialmente (GEWANDSZNAJDER, 2001). Nas palavras de Thiollent (1984, p. 46) “a metodologia não consiste num pequeno número de regras. É um amplo conjunto de conhecimentos com o qual o pesquisador procura encontrar subsídios para nortear suas pesquisas.”

A teoria pode auxiliar o investigador a compreender a realidade e ir além do fato em si, buscando seus significados. Consideramos que a pesquisa bibliográfica é uma etapa primordial, que se caracteriza pela identificação e análise dos dados escritos em livros, artigos de revistas, dentre outros. Sua finalidade é colocar o investigador em contato com o que já se produziu a respeito do seu tema de pesquisa. Sendo o pesquisador ser subjetivo e incapaz de separar o objeto de sua representação, somente a teoria pode auxiliar nesse processo, pois com ela podemos unir os recortes dos fenômenos (BOGDAN; BIKLEN, 1994; GONSALVES, 2001; GATTI, 2001).

Ao iniciar a pesquisa bibliográfica é importante que se tenha a relevância da análise da literatura existente sobre o tema, realizando um trabalho de interpretação, seleção, formando o referencial teórico sobre a problemática escolhida para pesquisa. A construção do objeto de pesquisa deve estar relacionada com a revisão crítica das teorias, para que a

produção desse novo conhecimento possa contribuir para mudanças necessárias nas práticas adequadas aos problemas sociais mais pertinentes. Segundo Lüdke e André (1986, p. 1), “para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele.” Realizando, assim, o pensamento e a ação no desenvolvimento de uma pesquisa. Finalizando o assunto, Queiroz (1988, p. 29) se expressa:

Técnica é procedimento ou conjunto de procedimentos, de modos de fazer bem definidos e transmissíveis, destinados a alcançar determinados objetivos; como todo procedimento, é ação específica, sistemática e consciente, obedecendo a determinadas normas e visando determinado fim; e conservada e repetida se sua eficiência for comprovada pelos resultados obtidos.

Portanto, ressaltamos que, para a formulação do problema se faz necessária por parte do pesquisador uma breve revisão da bibliografia disponível sobre o tema e estudo da revisão da literatura, onde o pesquisador se situa no que já foi elaborado sobre o assunto e propõe novas questões para investigação, realizando parte da pesquisa bibliográfica necessária para nortear o desenvolvimento da pesquisa.

Concluimos, então, que as pesquisas qualitativas são consideradas multimetodológicas, e podemos utilizar vários procedimentos e instrumentos de coleta de dados: observação participante ou não, entrevista e análise dos documentos. Na busca por uma metodologia com enfoque qualitativo para as pesquisas educacionais encontramos a etnografia que procura compreender a situação cotidiana e a descrição da cultura local, segundo os pressupostos e fundamentos que descreveremos a seguir (ALVES-MAZOTTI, 2001a).

3. Algumas interfaces da pesquisa etnográfica na educação

O estudo sobre o cotidiano está inspirado em Heller (1972, 1977, 1989), pois homem já nasce no cotidiano e aprende, no grupo, a viver no cotidiano, a vida cotidiana é caracterizada pela sua espontaneidade. Seguindo sua proposta, os conceitos e a elaboração sobre a vida cotidiana se encontram na esfera da vida da qual reside o objeto de estudo da pesquisa, ou seja, estudamos a vida cotidiana na escola. “Nem um só valor conquistado

pela humanidade se perde se modo absoluto; tem havido, continua a haver e haverá sempre ressurreição.” (HELLER, 1989, p. 10)

Consideramos o cotidiano como o conjunto atividades realizadas, reflexões, sendo o indivíduo visto como sujeito concreto, social e histórico, (HELLER, 1977, 1989, p. 17) enfocando as relações e os confrontos estabelecidos com o mundo, organizando sua concepção de mundo, pois “a vida cotidiana é a vida de *todo* homem.”

A vida cotidiana é a vida do homem *inteiro*; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se ‘em funcionamento’ todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões e ideologias. (HELLER, 1989, p.17)

Optamos por relatar neste texto sobre a pesquisa do tipo etnográfica³, pois aborda a vida escolar cotidiana (ANDRÉ, 1995; 1997a; 1997b;), onde as interações ocorridas na escola fazem parte de um contexto repleto de significados, que por sua vez estão inseridos no universo cultural que também deve ser pesquisado. Entendemos cultura como processo de construção onde estão inseridas as visões de mundo, os estilos, as histórias, as expressões e os símbolos usados por um grupo, ou seja, seus conceitos e conhecimentos que são transmitidos novas gerações.

O detalhamento dos procedimentos metodológicos inclui a indicação e justificção do paradigma que orienta o estudo, as etapas de desenvolvimento da pesquisa, a descrição do contexto, o processo de seleção dos participantes e o instrumental de coleta de análise dos dados, os recursos utilizados para maximizar a confiabilidade dos resultados e o cronograma. (ALVES-MAZOTTI, 2001b, p. 159)

³ O que observamos no meio acadêmico atual são as pesquisas classificadas como do **tipo etnográfica**, pois essas pesquisas utilizam os mesmos instrumentos da pesquisa etnográfica, entretanto na abordagem etnográfica, há a permanência de um longo tempo do pesquisador no campo, para que assim possa compreender a cultura em uma perspectiva ampla, vendo os fatos acontecerem, mas ao classificarem a pesquisa como do tipo etnográfica são utilizados os mesmos instrumentos, mas o tempo de permanência em campo pode ser reduzido, se o pesquisador fizer parte do mesmo universo cultural do campo pesquisado. Para André (1995) o tempo de permanência em campo da pesquisa do tipo etnográfica pode variar conforme os objetivos da pesquisa, a disponibilidade do pesquisador, as experiências que tem com pesquisa e o número de pessoas envolvidas no estudo. A pesquisa se torna etnográfica por não haver intervenção do pesquisador no campo de pesquisa.

Para André (1995, p. 28), na educação, a etnografia está preocupada com o processo educativo. Entretanto, um aspecto peculiar desta abordagem é que toda pesquisa etnográfica exige do pesquisador um prolongado tempo de permanência no campo de pesquisa. Porém, o que se tem feito atualmente é uma “adaptação da etnografia à educação”, que visa a efetivação de um estudo desse tipo e que permite ao pesquisador a “observação participante, a entrevista intensiva e a análise de documentos” com um tempo reduzido em campo.

Neste tipo de metodologia de pesquisa, a presença do observador passa a ser constante e ele passa a fazer parte do grupo, tornando-se parte da situação observada, interagindo por longos períodos com os sujeitos e compartilhando do seu cotidiano. As observações podem ser não-estruturadas, ou semi-estruturadas.

Assim, percebemos que, para a realização desse tipo de pesquisa, há necessidades de algumas habilidades por parte do pesquisador, que se resumem em estabelecer relação de confiança entre os sujeitos envolvidos, estar sempre disposto a ouvir, formular novas indagações, se familiarizar com o contexto, ser flexível para as devidas adaptações quando se fazem necessárias, ser paciente, tolerar ambigüidades, trabalhar sob sua própria responsabilidade, inspirar confiança, ter autodisciplina, ser sensível aos outros e a si mesmo, guardar confidencialmente algumas informações e realizar ações de aceitação do grupo (ALVES-MAZZOTTI, 2001b; LUDKE ; ANDRÉ, 1986).

A observação participante abrange as observações realizadas diretamente no campo, complementadas pelas anotações realizadas, in loco, pode-se ainda, realizar entrevistas visando confrontar a realidade com a análise dos documentos, utiliza-se de fotografias e de gravações. Desta forma, relatamos o dia-a-dia para compreendermos a rede de relações e interações presentes na prática escolar. Analisando o conjunto e suas relações dinâmicas é que detectamos os ângulos novos do problema, as interações do sujeito com o meio, dimensões pessoal, institucional e sócio-cultural e descrevendo seus significados, analisamos as relações de parceria entre pesquisador e agentes escolares. Caldeira (1995, p. 8) afirma que:

Para realizar-se um estudo etnográfico, é necessário que o investigador vá ao campo onde vivem os sujeitos da ação que se deseja revelar, permanecendo por ali por um tempo prolongado que lhe permita penetrar

na vida cotidiana e tornar visíveis os distintos significados e ações que ocorrem em seu interior.

Na pesquisa etnográfica, o pesquisador é considerado o principal instrumento de coleta de dados, pois ele faz parte da cena. Assim, para que um estudo do tipo etnográfico seja desenvolvido é necessário que o pesquisador vá a campo, vivencie ações da vida cotidiana descobrindo seus significados e participando delas (CALDEIRA, 1995).

Por se tratar de uma pesquisa com abordagem qualitativa, na pesquisa do tipo etnográfica, as entrevistas são semi-estruturadas, assemelhando-se a uma conversa, sendo atribuições pelos sujeitos, significados a situações que fazem parte da sua vida cotidiana.

É aconselhável, nesse tipo de pesquisa, o uso de documentos internos e externos à situação observada, sendo assim considerada toda forma de registro escrito que possa ser usado como fonte de informação, com a finalidade de se confrontar a realidade observada, as informações coletadas com as entrevistas e as propostas apresentadas nos documentos.

As pesquisas do tipo etnográficas geram enorme volume de dados que necessitam ser organizados para serem compreendidos, isso só pode ser feito através de um processo continuado, onde se identificam as dimensões, categorias, tendências, padrões, relações e significados. Nesta perspectiva, os dados coletados devem ser analisados com base nas hipóteses formuladas, relacionando o fenômeno com a realidade cotidiana observada, e a identificação dos participantes caracterizando-os dentro do contexto estudado (ALVES-MAZZOTTI, 2001b).

Essa abordagem metodológica demonstra ser possível partir do particular e chegar ao geral, através da teorização, analisando os aspectos sociais, as condutas, os sentimentos, as relações, considerando a subjetividade, tanto do pesquisador quanto do pesquisado. Podemos considerar que as realidades sociais são construídas através de significados, e que o pesquisador passa a fazer parte desse contexto para compreendê-las e, portanto, realiza uma interação social. A intersubjetividade está presente nesse tipo de pesquisa e decorre das experiências pessoais, sociais e históricas (ALVES-MAZZOTTI, 2001a, 2001b). Nesta perspectiva, de acordo com Lüdke e André (1986, p. 5), “cada vez mais se entende o fenômeno educacional como situado dentro de um contexto social, por sua vez, inserido em uma realidade histórica, que sofre toda uma série de determinações.”

O estudo do tipo etnográfico enfatiza os aspectos subjetivos do comportamento humano, as interações sociais presentes no cotidiano, relacionando as perspectivas qualitativas e quantitativas das pesquisas. Concordamos com André (1995, p. 19) quando afirma que “a principal preocupação da etnografia é com o significado que têm as ações e os eventos para as pessoas ou os grupos estudados” na tentativa de descrever sua cultura e compreender seus significados. Para isso, o saber cotidiano é fundamental, pois é nele que as ações se concretizam e que os conflitos ocorrem, tornando-se fonte preciosa de significados e interpretações. Sabemos que os pesquisadores vão a campo imbuídos por valores, sua particular visão de mundo, isso não pode ser ignorado e fundamenta a sua compreensão da realidade, influencia e orienta o seus pensamentos com relação a abordagem da sua pesquisa.

Lüdke e André (1986) definem claramente as etapas da pesquisa qualitativa, onde encontramos o estudo do tipo etnográfico, sendo elas: a observação participante que permite ao pesquisado o contato direto com a realidade, a entrevista que proporciona aprofundar as informações e a análise documental que completa e complementa os dados coletados, assim, nessa somatória, podemos propor novas perspectivas para a realidade pesquisada. Nessa abordagem, o pesquisador deve presenciar o maior número possível de situações presentes no cotidiano, através do seu contato direto o que o ajudará a compreender as situações e suas manifestações, buscando as respostas para o problema inicialmente formulado.

Nesse tipo de estudo, o ambiente natural é o ideal para a coleta dos dados e o pesquisador é considerado o principal instrumento para essa coleta, os dados coletados em campo são, na sua maioria, descritivos, há, então, maior preocupação com o processo em si do que com os resultados, onde a atenção do pesquisador deve estar voltada para os significados das ações dos pesquisados.

A etnografia é a descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo, na educação seria o ensino e a aprendizagem em um contexto amplo, relacionando o que é determinado dentro e fora da escola. Realizando assim o trinômio: exploração, decisão e descoberta proposto por Bogdan e Biklen (1994).

Há nessa perspectiva metodológica de pesquisa, um plano aberto e flexível, pois conforme o cotidiano é observado e descrito, que as hipóteses podem ser reformuladas,

proporcionando novas descobertas. Sendo assim, podemos considerar que “a metodologia inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a apreensão da realidade e também o potencial criativo do pesquisador” (MINAYO, 1993, p. 22). Portanto, consideramos que o método pode ser considerado bom, quando se propõe a solucionar um problema e, em alguns casos, a pesquisa do tipo etnográfica se faz necessária no campo educacional. Salientamos que:

A aplicabilidade dos conhecimentos na área da educação depende do desenvolvimento de teorias próprias, da seleção adequada de procedimentos e instrumentos, da análise interpretativa dos dados, de sua organização em padrões significativos, da comunicação precisa dos resultados e conclusões e da sua validação pela análise crítica da comunidade científica (ALVES-MAZZOTTI, 2001a, p. 48)

Concluimos, ressaltando que a observação e a imersão no campo de pesquisa proporcionam ao pesquisador obter uma visão geral do problema, onde as descrições da cultura e da realidade ajudam a delinear o panorama desse problema a ser investigado, proporcionando assim uma melhor coleta sistemática dos dados, e as informações levantadas podem indagar novas perspectivas para a pesquisa.

Para a realização de uma pesquisa do tipo etnográfica é conveniente que se realize uma conversão do olhar, onde tudo passe a ser visto como se nunca tivesse sido visto antes, pois este permite o distanciamento entre o pesquisador e o campo, mediante da diversidade de sujeitos, variedade de fontes de dados e diferentes perspectivas de interpretação dos dados.

Outro instrumento necessário, nessa abordagem, é o Diário de Campo, que consiste em um caderno onde são registradas todas as informações depois de observadas; são registradas as observações, as conversas, os comportamentos, os gestos, ou seja, tudo que esteja relacionado com a proposta da pesquisa como um rascunho, uma matéria bruta que depois necessita de lapidação.

4. Considerações ao pesquisador

Pesquisadores das ciências sociais e da educação têm desenvolvido procedimentos de investigação e proposto critérios que servem, tanto para orientar o desenvolvimento de pesquisas qualitativas, como para avaliar o rigor de seus procedimentos e a confiabilidade de suas conclusões. Admitir que esses critérios são decorrentes de um acordo entre pesquisadores da

área, em um dado momento histórico, em nada compromete sua utilidade e relevância. (ALVES-MAZOTTI, 2001a, p. 146)

Salientamos que o universo cultural a ser estudado pelo pesquisador está repleto de significados e estes podem ser percebidos no cotidiano da escola, pois a educação pode ser vista como processo social, dinâmico e histórico. Em uma pesquisa do tipo etnográfica, o pesquisador pode fazer uso da observação participante, dando voz e ouvindo os participantes, registrando suas observações e sensações, entrevistas, análise documental, fotografias, porém, deve considerar que os dados são sempre inacabados e compreender a situação com seus vários significados. Os relatórios, nessa perspectiva, buscam a descrição e a compreensão da situação, baseados em uma teoria consistente. O estudo do tipo etnográfico busca compreender as interações que se processam no dia-a-dia escolar, nas suas “dimensões cultural, institucional e instrucional da prática pedagógica” (ANDRÉ, 1997a, p. 102).

Para isso, a proposta de pesquisa deve ser aberta e flexível, havendo a possibilidade de alterações no decorrer da realização da pesquisa e na busca pelas representações e opiniões coletadas com os atores escolares envolvidos no processo.

Ao considerar a multiplicidade de significados presentes numa dada situação, fez com que a investigação da prática pedagógica deixasse de lado o enfoque nas variáveis isoladas para considerá-las em seu conjunto e em sua relação dinâmica. (ANDRÉ, 1997a, p. 103)

A rotina da sala de aula, as relações, as tensões e o cotidiano da escola devem ser analisados para que se possa compreender alguns dos problemas educacionais. A etnografia busca ir muito além da simples descrição, busca a compreensão dos significados culturais através das falas e comportamentos dos atores envolvidos, descrevendo, assim, os significados culturais dos grupos estudados. Pois, de nada adianta, apenas, a reprodução do real, temos que buscar a sua compreensão.

Ao iniciarmos uma pesquisa do tipo etnográfica, devemos realizar um amplo estudo da literatura disponível e relacioná-la com o tema escolhido. É nessa fase que formulamos o problema e que orientará nossa entrada em campo. Posteriormente, iniciamos o trabalho de campo com as observações diretas e intensas para se compreender e relacionar o cotidiano

com o problema de pesquisa. Após esse momento, passamos para a sistematização dos dados com a elaboração do relatório (ANDRÉ, 1997b).

Consideramos então o “saber lidar com as percepções e opiniões já formadas, reconstruindo-as em novas bases, levando, sim, em conta as experiências vividas, mas filtrado-as com o apoio do referencial teórico e de procedimentos metodológicos” (ANDRÉ, 1997b, p. 106). A variedade de fontes de dados proporciona, também, diferentes perspectivas de interpretação dos dados.

5. Considerações finais

A pesquisa do tipo etnográfica permite um entrosamento entre o pesquisador e o grupo pesquisado através de uma relação construtiva de aproximação gradativa. O relatório etnográfico deve buscar descrever os lugares, as pessoas, as situações vivenciadas e observadas, as atitudes das pessoas no cotidiano, suas falas coletadas através de entrevistas ou depoimentos e o confronto com os documentos devem estar presentes, privando sempre pela ética. Consideramos a etnografia relevante nas atuais pesquisas educacionais, pois valoriza o cotidiano escolar e enfatiza a educação enquanto processo social, cultural e histórico.

Referências

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Relevância e aplicabilidade da pesquisa em educação. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 113, p. 39-50, jul. 2001a.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith ; GEWADSZNJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2001. (parte 2)

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.

_____. Avanços no conhecimento etnográfico da escola. In: FAZENDA, Ivani (Org.). *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento*. 2. ed. Campinas: Papirus, 1997a.

_____. Tendências atuais da pesquisa na escola. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 18, n. 43, p.1-9, dez. 1997.

BOGDAN, Robert ; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto, 1994.

- CALDEIRA, Anna Maria S. A apropriação e construção do saber docente e a prática cotidiana. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 95, p. 5-12, nov. 1995.
- DEMO, Pedro. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- DUPAS, Maria Angélica. *Pesquisando e normalizando: noções básicas e recomendações úteis para a elaboração de trabalhos*. São Carlos: EDUFSCar, 2002.
- GATTI, Bernadete A. Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 113, p. 65-81, jul. 2001.
- GEWADSNJDER, Fernando; ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2001. (parte 1)
- GOERGEN, Pedro. A pesquisa educacional no Brasil: dificuldades, avanços e perspectivas. *Em Aberto*, Brasília, ano 5, n. 31, p. 01-18, jul. 1986.
- GONSALVES, Elisa Pereira. *Conversas sobre iniciação à pesquisa científica*. Campinas: Alínea, 2001.
- HELLER, Agnes. *Historia y vida cotidiana: aportación a la sociología socialista*. Barcelona: Grijalbo, 1972.
- _____. *Sociologia de la vida cotidiana*. Barcelona: Península, 1977.
- _____. *O cotidiano e a história*. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1989.
- KERLINGER, F N *Metodologia da pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: EDUSP, 1980.
- KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 3.ed. São Paulo: Debates, 1992.
- LÜDKE, Menda; ANDRÉ, Marli E.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 2. ed. São Paulo: Hucitex, 1993.
- NOSELLA, Paolo. A pesquisa e a formação do espírito acadêmico. *Saberes*, Jaraguá do Sul, n. 2, p. 01-07, 2000.
- QUEIROZ, Maria I. P. de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, Olga M. Von. *Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil*. São Paulo: Vértice, 1988.
- SAVIANI, Dermeval. Concepções de dissertação de mestrado centrada na idéia de monografia de base. *Educação Brasileira*, Brasília, n. 13, p. 159-168, 2.sem. 1991.
- SELLTIZ, C. et al. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo: EDUSP, 1974.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- THIOLLENT, Michel. Aspectos qualitativos da metodologia de pesquisa com objetivos de descrição, avaliação e reconstrução. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 49, p. 45-50, maio 1984.

WARDE, Mirian. O papel da pesquisa na pós-graduação em educação. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 73, p. 67-75, maio 1990.

Recebido: fevereiro/2004

Aprovado: abril/2004